

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO

RÔSE VANIA SILVA DE OLIVEIRA

O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL E SUAS POSSIBILIDADES DE
CONTRIBUIÇÃO PARA INTERDISCIPLINARIDADE ESCOLAR

SANTANA-AP
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
RÔSE VANIA SILVA DE OLIVEIRA

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL E SUAS POSSIBILIDADES DE
CONTRIBUIÇÃO PARA INTERDISCIPLINARIDADE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal do Amapá, sob orientação do docente Rafael César Pitt.

SANTANA-AP
2018

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL E SUAS POSSIBILIDADES DE
CONTRIBUIÇÃO PARA INTERDISCIPLINARIDADE ESCOLAR**

Por

RÔSE VANIA SILVA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Ensino de
Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal do Amapá, examinado
pela banca formada por:

Rafael César Pitt
Orientador

Avaliador 1

Avaliador 2

Santana-AP, _____, _____ de 2018.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. Histórico do ensino de Filosofia no Brasil	7
2. A metodologia da Interdisciplinaridade na educação brasileira	13
3. Possibilidade da interdisciplinaridade no ensino da Filosofia	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL E SUAS POSSIBILIDADES DE CONTRIBUIÇÃO PARA INTERDISCIPLINARIDADE ESCOLAR

RÔSE VANIA SILVA DE OLIVEIRA*

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise as principais dificuldades de trabalhar a interdisciplinaridade em sala de aula, quais são as possibilidades e desafios encontrados pelos professores e apresentar sob quais formas a disciplina de Filosofia pode contribuir para a realização da metodologia interdisciplinar que se faz presente no contexto escolar, sendo que esta metodologia torna-se necessária e ao mesmo tempo problemática, pois a falta de formação continuada e a fragmentação das disciplinas são grandes barreiras para a realização desse método em sala de aula. Uma vez bem elaborada podemos considerar que a metodologia interdisciplinar é ferramenta importante no ensino e aprendizagem do educado, ela vai proporcionar ao aluno e professor um ensino mais dinâmico e agradável. Para a realização desta pesquisa foram utilizadas fontes bibliográficas, que colaboraram para o entendimento do ensino de Filosofia no desenvolvimento interdisciplinar.

PALAVRA-CHAVE: Filosofia. Ensino. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The present work analyzes the main difficulties of working the interdisciplinarity in the classroom, what are the possibilities and challenges found by the teachers and to present under what forms the discipline of Philosophy can contribute to the accomplishment of the interdisciplinary methodology that is present in the context school. being that this methodology becomes necessary and at the same time problematic, since the lack of continuous formation and the fragmentation of the disciplines are great barriers for the accomplishment of this method in the classroom. Once well elaborated we can consider that the interdisciplinary methodology is an important tool in the teaching and learning of the educated, it will provide the student and teacher with a more dynamic and pleasant teaching. For the accomplishment of this research were used bibliographical sources, that collaborated for the understanding of the teaching of Philosophy in the interdisciplinary development.

KEY-WORDS: Philosophy. Teaching. Interdisciplinarity.

* Graduada em Licenciatura pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP, e discente do Curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio. e-mail: roseoliveiralr@gmail.com

INTRODUÇÃO

O conhecimento filosófico brasileiro é trazido pela Igreja Católica em 1530, sendo ela a responsável pelo ensino formal onde a base era a escolástica que persistiu durante o período da colonial. Aos poucos surgiram novos pensamentos e reformas educacionais que não aceitavam o método vigente e eram contrárias aos mesmos. Teremos o pensamento positivista, a *Escola de Recife* e também a primeira Faculdade Livre de Filosofia, Ciências e Letras que vão romper com o ensino tradicional.

O ensino, seja ele de Filosofia ou outra disciplina, busca atualizar seus métodos e atitudes ao longo de toda a sua trajetória, porém, algumas dessas metodologias acabaram ficando no meio do caminho. Entretanto, existe a metodologia da interdisciplinaridade, que busca uma interação entre os profissionais da educação, e por ser dinâmica ela rompe com o ensino tradicional e as fragmentações do saber.

Os primeiros registros da metodologia da interdisciplinaridade ocorreram nos Estados Unidos e posteriormente na Europa onde ganhou mais força, e avançou por vários países. Chegando nos currículos educacionais brasileiros na década de 90. Essa metodologia busca a interação e integração do trabalho conjunto entre as disciplinas e principalmente professores, alunos, gestores, equipe pedagógica e comunidade escolar.

Diante disso, o sistema educacional através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais, vai garantir o trabalho da interdisciplinaridade em sala de aula. Por se tratar de uma metodologia que reúne várias disciplinas escolares. Podemos considerá-la uma aliada por tornar o ensino e a aprendizagem mais dinâmico.

A metodologia da interdisciplinaridade é considerada uma ferramenta de grande enriquecimento cognitivo por trabalhar várias áreas do conhecimento. No que se refere ao ensino de Filosofia, executar a metodologia interdisciplinar é uma forma de ampliar possibilidades de conhecimento mais aprofundado em vários aspectos.

Diante disso, a Filosofia é considerada uma ciência tendo a função de dialogar com outras áreas na contribuição educacional melhorando o desenvolvimento racional dos educandos. A modalidade do ensino interdisciplinar contempla várias disciplinas dos componentes curriculares na construção do conhecimento, na qual elas não ficam isoladas. Se olharmos do ponto de vista didático, o ensino de Filosofia tem a capacidade de conectar-se com outras áreas do saber.

A Filosofia tem essa característica, pois ela busca o trabalho da crítica e reflexivo do ser humano, o componente filosófico faz a interação dos diversos conhecimentos educacionais, na qual integra as disciplinas do ensino médio, destacando os elementos temáticos que lhes são comuns.

A presente produção terá como foco a importância da Filosofia no trabalho da interdisciplinaridade, de que forma ela pode colaborar para que essa metodologia possa ter lugar na sala de aula, bem como verificar quais são os obstáculos que a interdisciplinaridade encontra no meio escolar e como o conhecimento fragmentado das disciplinas pode dificultar e limitar o ensino.

O trabalho fará considerações acerca da história da Filosofia, bem como da interdisciplinaridade, até o ponto em que as duas passam a se relacionar e havendo trocas, desde modo, esta produção será dividida em três partes: o primeiro relata sobre o histórico do ensino de Filosofia no Brasil, este que também verifica as metodologias utilizadas pelos professores, a segunda parte analisou-se a questão da interdisciplinaridade na educação brasileira, mostrando o contexto histórico e as dificuldades encontradas nesse percurso, por fim, na terceira parte descreve as possibilidades da interdisciplinaridade no ensino de Filosofia na busca de um diálogo com as diferentes áreas do conhecimento.

1. Histórico do ensino de Filosofia no Brasil

O sistema educacional brasileiro durante seu período histórico, recebeu diversas influências (principalmente da Europa), algumas até hoje presentes. Este é herança de ideias, exportadas que ocorreram durante o período Colonial, Imperial, República, Governo Militar e Democrático. O ensino de Filosofia é trazida pelos padres Jesuítas, que eram responsável pelo educação da colônia.

No Brasil Colônia século XVI, Portugal exercia forte influência, seja ela administrativa, política e econômica, a igreja católica, conjuntamente com os desejos da corte, também detinha o poder, mas esse referia-se à educação. As primeiras atividades de reflexão filosófica desenvolvidas aqui na colônia na metade do século XVI, foram trazidas pelos padres Jesuítas que eram responsáveis pela educação nesse período.

A educação trazida pelos padres era a Segunda Escolástica Portuguesa, o ponto chave encontrava-se na ortodoxia católica, que foi influenciado por Concílio de Trento e método *Ratio Studiorum*, este considerado a primeira fase e o princípio da Filosofia no Brasil, sendo a última a máxima expressão que pautava o trabalho educacional.

Diante disso, a educação escolar era voltada para o método do *Ratio Studiorum*, aprovada em 1599, direcionando as atividades docentes para as ordens religiosas do catolicismo, caracterizando-se como Plano Oficial da Educação Jesuíta, um sistema educacional na qual o educador era obrigado a seguir. O *Ratio Studiorum* foi a primeira metodologia que se constituiu na sistematização da pedagogia de 467 regras.

Ratio Studiorum era uma coletânea de textos que guiavam os Jesuítas em seus ensinamentos ortodoxos e estritamente ligados a Tomás de Aquino e Aristóteles. Tal coletânea regulamentava e pautava de forma estrita as atividades acadêmicas da Companhia de Jesus em Portugal e Espanha e foi diretriz para o colégio das artes de Coimbra, da Universidade de Évora, entre outras escolas jesuíticas, que eram monopólio no ensino secundário em Portugal (SANTO, 2016, p. 4).

O sistema metodológico do *Ratio Studiorum* não permitia que professores de Filosofia fizessem uma análise reflexiva em sala de aula, que desmerecem a fé cristã. Para garantir isso na prática, os materiais didáticos como os livros e manuais eram impressos em Portugal, onde eram excluídos parte dos textos filosóficos que pudessem contrariar os dogmas católicos e aqueles que se afastam das ideias de São Tomás de Aquino e Aristóteles.

Não é necessário colocar em evidência o caráter dogmático desse ensino, perfeitamente coerente com o sistema na qual se integra. O ensino de Filosofia não visava desenvolver a capacidade crítica do aluno, mas a inculcar nele uma determinada doutrina, a prevenir os possíveis desvios em relação a ela e a prepará-lo para defendê-la (Rodríguez apud SARAIVA, 1955, p. 229-230).

Conforme, Mazai e Ribas (2001), nos séculos XVIII, a chegada de Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal, deu início às Reformas Pombalinas que foi responsável pela expulsão dos Jesuítas, justificando que os cidadãos deveriam ser preparados para servir ao Estado e não a Igreja.

Sob o comando de Marquês de Pombal, no ano de 1759, as Reformas Pombalinas autoriza os Franciscanos abrirem a nova Universidade, pautadas nas ideias de Newton e Descartes, por interesses políticos. Os Franciscanos foram responsáveis pelo progresso do Ensino de Filosofia no Brasil colônia, no Rio de Janeiro estabeleceram uma cátedra de Filosofia.

Mazai e Ribas (2001), relatam que apesar das mudanças ocorridas na educação, novos pensamentos modernos franceses que o Brasil estava influenciado o

desenvolvimento racional no país; as reformas do Marquês de Pombal, detinha o retrocesso na educação, uma vez que:

“[...]o ensino orientou-se ainda para os mesmos objetivos religiosos e livrescos dos jesuítas; realizou-se através dos mesmos métodos pedagógicos, com apelo à autoridade e à disciplina estreitas, tendendo a impedir a criação individual a originalidade. Quanto ao ensino de Filosofia, continuou também no mesmo estilo livresco e escolástico” (MAZAI; RIBAS, 2001, p. 5 apud CARTOLANO, 1985, p. 25).

Podemos analisar que com a expulsão dos Jesuítas poucos avanços aconteceram, o método didático educacional permanecia o mesmo, as aulas continuavam sendo reprodução de conteúdo e acúmulo de informações e foram criadas as aulas régias.

Mazai e Ribas (2001) relatam que no ano de 1808, Dom João VI chega no Brasil e nesse período que as portas do comércio mundial se abrem, sendo favorável à novas ideias da colônia. Formulou-se um programa amplo que se dividiu em três etapas: teoria do discurso e da linguagem, o saber do homem e o sistema do mundo. Aos poucos, a Filosofia começa a ganhar espaço, são realizadas conferências de cunho filosófico, surgem novos colégios com intuito de preparar os cidadãos da classe superior para administrar e governar a colônia.

Com crescimento do comércio no país, era necessário que a educação tomasse o mesmo ritmo, com as mudanças acontecendo, vale ressaltar que nesse período o ensino de Filosofia estava voltado à educação profissional.

Em 1838, a Filosofia torna-se obrigatória, sua metodologia era arbitrária, retórica e enciclopédica. “Nas províncias, o ensino de Filosofia era considerado obrigatório no currículo dos liceus e dos ginásios do curso secundário, desde o início do século” (MAZALI; RIBAS, 2001, p. 28).

No século XIX, o setor econômico foi um grande marco no Brasil, e conseqüentemente ideias novas surgem e ganham novas dimensões, a Filosofia também sofre com essas influências relevantes, um deles fora as correntes do positivismo no país.

O positivismo no Brasil repercutiu principalmente na educação. Sendo que este pensamento foi considerado o primeiro pensamento de reflexão da época, por mais que ele estivesse ligado com o romantismo, este trouxe uma expressão de autonomia e manifestação na época.

Santos (2016), considera que o pensamento positivista rompe com o ensino tradicional que iniciou através das reformas pombalinas. O positivismo buscava

mudanças e melhorias na educação. As ideias positivistas passaram a serem empregadas nas escolas e notava-se o interesse pela Ciência, já que era considerada como um remédio para a humanidade e para o ensino.

Figuras como Benjamin Constant (1891) realizou reformas educacionais, como a gratuidade do ensino. Para ele o ensino deveria ser de caráter formador e não somente como preparação para as escolas superiores, sendo que suas reformas resultou apenas no acréscimo de disciplinas científicas às tradicionais, voltando ao ensino enciclopédico.

[...] Benjamin Constant foi o ministro responsável pelo ministério da instrução, correios e telégrafos e, talvez o que realmente tenha feito de efetivo, com alguma consequência e repercussão na prática (para o distrito federal), foi declarar o ensino “livre, leigo e gratuito”. pode-se somar a seus méritos, nesse caso, o fato de ter dividido as escolas primárias em dois graus, o primeiro para crianças de 7 a 13 anos e o segundo para as de 13 a 15, e de ter exigido o diploma da escola normal para o exercício do magistério em escolas públicas (para as escolas particulares ele se restringiu a solicitar um atestado de idoneidade moral dos professores) (GHIRALDELLI, 2009, p 24 - 25).

É perceptível que as reformas feitas por Benjamin Constant, foram significativas, mas não era o que ele queria de fato, pois defendia um ensino mais libertador e reflexivo e não conteudista.

O pensamento Positivismo foi duramente criticado pela Escola de Recife. O pensamento filosófico na qual a escola de Recife trouxe para a sociedade brasileira eram as “questões sociológicas, culturais, jurídicas dentre outras que se faziam necessárias para a sociedade” (PAIM, 1998, p.55).

A Faculdade de Direito de Recife, teve grandes representantes como Tobias Barreto e Silvio Romero, estes que contestaram o pensamento positivista e trouxeram novas ideias para a Filosofia no Brasil, tinham como expoente Kant e por isso trabalhavam a Filosofia num plano epistemológico. Foram os primeiros a levar para discussões a questão da Filosofia da educação. A Escolas de Recife junto com os intelectuais da época trabalhavam as questões antropológicas e sociais.

Tobias Barreto e Silvio Romero colocam em oposição ao domínio do pensamento positivista e trazem uma nova inclinação para o pensamento filosófico. Herdeiros de um kantismo, trabalham a Filosofia num plano epistemológico, sendo provavelmente os primeiros a introduzir esse nível de discussão em solos nacionais. Mergulhados numa discussão do tipo transcendental influenciada pelo modelo Kantista, tanto Tobias Barreto quanto Silvio Romero trazem à tona uma nova concepção de cultura, pois estabelecem a cultura num patamar que

só diz respeito ao ser humano, transcendendo as condições naturais e animais. Essas concepções dão início a uma compreensão que problematiza a cultura em oposição a teorias ecléticas e positivistas em vigor na época (SANTOS, 2016, p.118).

O Brasil passava por reformas políticas e educacionais. Com a proclamação da República¹ a prioridade se voltava para uma sociedade racional e autônoma, considerando o propósito da elite intelectual brasileira. Em 1908 foi fundada a Faculdade Livre de Filosofia, Ciências e Letras (primeira faculdade livre de Filosofia do Brasil), que tinha cunho neotomista, nesse momento novos livros do ensino de Filosofia aparecem, porém ainda com alguns vestígios oriundos do catolicismo.

Correntes filosóficas como a Teologia da Salvação também eram trabalhadas no período Republicano, no início do século XX. O pensamento voltava-se para o ideal dos Jesuítas manteve-se presente. Essa retomada coincide com as ideias de Tomás de Aquino, “neotomismo” como ficou conhecido e o desenvolvimento do projeto da teologia da libertação que tem como seu expoente Leonardo Boff, buscando uma união da Filosofia com a teologia, produzindo o diálogo teológico com o marxismo, ao passo que propõe um ideal de libertação para os povos que sofrem desigualdades na tentativa de refletir a problemática (SANTOS, 2016, p.119).

A partir de então, a Escola era vista como ascensão social, onde os mais desfavorecidos começam a forçar sua entrada na escola e conseqüentemente terem atenção perante o poder público, sendo que a escola que tinha um status elevado era a escola acadêmica e não a profissionalizante, onde a sociedade da classe baixa cursava. O processo histórico vivido pelo ensino da Filosofia sempre foi sufocante, na medida que sua atividade crítica reflexiva não acontecia.

A Reforma de Francisco Campos de 1932, que tinha aspectos ideológicos católicos e liberais, introduzindo algumas disciplinas no currículo escolar, como psicologia, lógica, sociologia e história da Filosofia, que começaram a fazer parte do currículo complementar (CESAR, 2012, p.4).

Segundo Cesar (2012), por mais que o país fosse influenciado por ideais externos, vinda da Europa e dos Estados Unidos, a Filosofia sofria com entraves ainda oriundos da

¹ No dia 15 de novembro de 1889, é declarada a Proclamação da República Brasileira, resultado de um levante político-militar que deu início à República Federativa Presidencialista. Fica marcada a figura de Marechal Deodoro da Fonseca como responsável pela efetiva proclamação e como primeiro Presidente da República brasileira em um governo provisório. Havendo dois momentos à República velha (1889-1830), e a República Nova (1930-1945) (PAIM, A. Ibid. p. 45).

igreja católicas e das liberais. Verificado essa problemática, a Reforma Francisco Campos buscou o ensino mais liberal, que incluiu a disciplina de Lógica, este que contribuiria na formação racional dos educandos.

Para Rodrigues (2012) as reformas realizadas tiveram suas significações no contexto educacional e no ensino de Filosofia. A reforma de Capanema de 1942 é um exemplo disso, ela garante a obrigatoriedade da Filosofia. Contudo, as reformas realizadas tinham em seu caráter didático pedagógico uma autonomia que produziam efeito expressivo para desenvolvimento e construção humana², considerado como o conceito principal da Filosofia.

Como a Filosofia não tinha um pensamento crítico e reflexivo, e não atendia o novo modelo educacional tecnicista, elas assim como Psicologia e a Sociologia foram excluídas dos currículos educacionais. Por não atenderem os interesses técnicos burocrático e político ideológico do país.

Conforme Cesar (2012) a primeira edição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi através da Lei nº 4.024/1961, sugeriu que o ensino de Filosofia voltasse a ser uma disciplina complementar, perdendo sua obrigatoriedade no sistema federal de educação, e de fato no Governo Militar (1964-1985), a Filosofia é substituída pelas disciplinas de moral e cívica.

Então o ensino passa por uma organização, como descreve Rodrigues (2012) LDB nº 5.692/71 reorganizava o ensino do 1º e 2º graus, o antigo primário, ginásio e colégio, as alterações eram necessárias para o ensino técnico e profissionalizante. Sendo que o ensino de Filosofia não fazia parte do núcleo comum da educação do 1º e 2º graus, sendo substituída pelos componentes doutrinários como Moral e cívica, Organização Social e Política do Brasil/OSPB citadas anteriormente.

Até então, o ensino da disciplina de Filosofia no Brasil, revestia-se sempre como a roupagem de alienação e do dogmatismo. Jamais a Filosofia visou à formação do espírito crítico, pois assumiu o papel de geradora de status social com pensamentos vindo do estrangeiro, com ideias prontas, ou seja, tinha função meramente ideológica. A Filosofia constituiu-se como acrílica e ornamental, ou seja, como teoria longínqua da prática, uma repetição de doutrinas obscuras (MAZAI; RIBAS, 2001, p.11-12).

² GALLO, Sílvio. Ibid. [21--?].

Após um longo período de ensino técnico profissionalizante a educação passa por uma redemocratização, nesse momento o ensino de Filosofia é inserido aos currículos educacionais, inicialmente de caráter optativo. Posteriormente com a LDB nº 9.394/96³, e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), retorna a disciplina de Filosofia no deve ser trabalhada a interdisciplinaridade.

Com a compartimentação do saber escolar, a interdisciplinaridade surge com o intuito de interligar os conteúdos das disciplinas escolar. diante disso, podemos considera que a Filosofia no contexto interdisciplinar abarca uma particularidade: de conseguir dialogar de forma homogênea com as demais disciplinas do currículo educacional. A metodologia interdisciplinar quebra barreiras com o ensino tradicional e busca um ensino que tenha uma interação entre o aluno com sua realidade, que proporcione uma conversa produtiva entre o aluno e o conhecimento.

A Filosofia é uma disciplina que interage com as outras áreas do saber e trabalha a construção humana do sujeito no mundo, buscando a uma visão crítica e reflexiva dos acontecimentos, a Filosofia possui uma área ampla de conhecimento, por isso desenvolve de forma significativa a interdisciplinaridade escolar.

E para que isso ocorra é necessário que o ensino de Filosofia busque metodologia que faça a interação com outras disciplinas. Logo, a interdisciplinaridade é uma ferramenta que poderá contribuir para um saber significativo para os educandos. A Filosofia, contextualizando o conhecimento e tentar buscas em outras disciplinas questões relevantes para o aprendizado do aluno. Podemos considera que a metodologia interdisciplinar pode ser uma aliada importante da Filosofia, uma vez que o ensino de Filosofia abarca todas as Ciências e contribui para o aprendizado mais significativo do educando. Ou seja, entre a Filosofia e a metodologia da interdisciplinaridade existe uma troca, de informações, desta forma, as duas cooperam uma com a outra, as duas saem ganhando nesse processo.

2. A metodologia da Interdisciplinaridade na educação brasileira

³ Lei de nº 11.684/2008, o artigo 36 da LDB nº 9.394/96, define a obrigatoriedade da disciplina nas escolas e nos três últimos anos do ensino médio os estudantes deverão "*dominar os conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania*" (BRASIL. **Lei nº11.684/2008**, de 2 de Junho de 2008. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1> Acesso em 26 de jun. 2018.

A interdisciplinaridade surge no Brasil na década de 90, com a possibilidade de uma nova metodologia educacional. No início a metodologia interdisciplinar foi encarada como modismo, sendo mais uma ideia de importação que poderia ser considerada uma tentativa frustrada. Entretanto, passaram várias décadas desde o seu surgimento, educadores e pesquisadores consideram a interdisciplinaridade uma aliada da educação, para romper com o ensino tradicional e com a fragmentação do conhecimento.

Portanto, apesar de seus anos, a interdisciplinaridade ainda é considerada uma metodologia nova e proveniente de fora, como afirma Klein (1998, p. 110), os primeiros registros da interdisciplinaridade ocorrem no Estados Unidos, o debate tratava sobre a importância do diálogo entre as áreas do conhecimento e discussão sobre o currículo escolar, voltado para educação básica. É na Europa que a interdisciplinaridade ganha o conceito de construção de ponte entre conteúdos de diferentes disciplinas do currículo.

Foi através dos movimentos estudantis e reivindicações por melhoria do ensino é trazida a metodologia da interdisciplinaridade no contexto educacional brasileiro. Na Europa, “Georges Gusdorf⁴ foi o idealizador da interdisciplinaridade, que afirma ser a totalidade por se tratar de uma categoria básica das reflexões” (JAPIASSÚ, 1976 p. 13).

A interdisciplinaridade busca a integração de diversas áreas do conhecimento, seu trabalho garante a interação entre equipe pedagógica, professor e aluno. Sendo essencial a experiência através do convívio em equipe, pois através dela que as trocas de saberes acontecem. É possível analisar que o contexto escolar tem como objetivo a formação e o amadurecimento intelectual dos alunos e professores. Nestes aspectos a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensa troca de conhecimento, na qual vai possibilita nos alunos um olhar diferenciado para o mesmo fato ou assunto.

A metodologia da interdisciplinaridade no Brasil, contou com dois grandes nomes. Como descrevem Lima e Azevedo (2013), a interdisciplinaridade inicia-se no final do ano de 1960, seus precursores foram Hilton Japiassú e Ivani Fazenda. Ambos conseguiram levar para as discussões acadêmicas a relevância e possibilidade que a interdisciplinaridade poderia trazer para o ensino.

⁴ Georges Gusdorf foi um Frances, ele elaborou o primeiro programa interdisciplinar, chamado de “projeto pesquisa interdisciplinar nas Ciências Humanas”, reconhece que a Ciência através da pedagogia forme os especialistas cada vez mais especialistas. Diante disso, surgiu a necessidade de criar outra categoria de pesquisadores que tinha como objetivo supera a fragmentação das Ciências, então ele propõe o método da interdisciplinaridade (JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976).

O país passava por mudanças na organização escolar e de currículo educacional, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1971), o governo brasileiro inclui a interdisciplinaridade como novo método no ensino. Porém, ela se tornou um obstáculo por se tratar de uma nova modalidade na educação formal importada, os profissionais não sabiam como trabalhar em sala de aula.

O mesmo comportamento é perceptível na produção de Fazenda: “a LDB de 1971 [...] lançou o currículo interdisciplinar como fundamento principal da educação, em todo o território nacional, sem referência sobre o assunto, e sem conhecimento de como aplicá-lo” (informação verbal)⁵, ao contrário na França a metodologia educacional interdisciplinar já se fazia presente. A nova modalidade educacional que queriam desenvolver no Brasil encontrava dificuldades, pois os profissionais da área educacional não sabiam como trabalha a interdisciplinaridade.

No momento em que as coisas se encontram separadas e bem definidas, sejam elas em empresas na nomeação de funções, em casa com a separação das tarefas diárias entre irmãos, essas divisões também encontram-se nas escolas, algumas primordiais como coordenação, secretaria, direção. Entretanto essas divisões tornaram-se mais evidentes e pesadas na sala de aula. A compartimentação dos conteúdos é visível no ambiente escolar, na qual os alunos foram acostumados a terem o ensino de forma parcelada, e conseqüentemente percebem que as disciplinas não tem um interação uma como a outra.

O ensino interdisciplinar requer um trabalho conjunto entre alunos e professores assim como de gestores e demais sujeitos integrantes da comunidade escolar, ou seja, a integração não deve ocorrer apenas entre as disciplinas escolares, mas também entre pessoas, conceitos, informações e metodologias (LIMA; AZEVEDO, 2013, p. 129).

Alunos e professores se habituaram ao ensino da seguinte maneira: chegam à sala de aula e no primeiro horário e tem a disciplina “A”, depois muda a página do caderno para o segundo momento, a disciplina “B”. Desde muito cedo, fomos habituados a receber conteúdo das disciplinas de forma fragmentada. Passado o horário estipulado, este é deixado de lado para ter acesso à outra disciplina. O que se apreendeu é que cada

⁵ Fazenda, Ivani Catarina Arantes. **Palestra Interdisciplinaridade**. Publicado em 28 de set de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCnS1ofumE73VGStmBVY6Mjg>>. Acesso 17 de mar de 2018.

disciplina tem o seu momento específico e que o assunto anterior não tem relação alguma com o próximo.

Partindo de princípios definidos na LDB, o Ministério da Educação, num trabalho conjunto com educadores de todo o País, chegou a um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção de nossos jovens na vida adulta. Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender (BRASIL, 2000, p. 4).

Verificado essa dificuldade, estudiosos buscaram (e ainda buscam) uma maneira de contornar esse problema em sala de aula, através da metodologia da interdisciplinaridade que busca a interação entre as disciplinas e diminui o distanciamento entre elas, diante de troca e da reciprocidade entre as disciplinas.

A interdisciplinaridade traz mais do que troca de conhecimentos, possibilita o aluno a ter suas próprias conclusões. Brasil (2000), averigua tal questão: a interdisciplinaridade é uma ferramenta que auxilia na aprendizagem e beneficia os alunos a compreenderem conteúdos que são ministrados de uma maneira diferenciada, ou seja, em uma aula pode-se fazer links referentes a outras áreas do saber. Seu objetivo e a reorganização curricular nas áreas de conhecimento, facilitando o desenvolvimento dos conteúdos numa perspectiva de contextualização e praticidade.

Para acabar como o abismo entre o conhecimento, o sistema educacional ganhou novas dimensões conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais, as mesmas visam que interdisciplinaridade tem um papel essencial no cotidiano escolar já ela trabalha de forma conjunta. Dessa maneira, a prática interdisciplinar aparece como um princípio de articulação entre conteúdos e atividades. (LIMA; AZEVEDO, 2013, p. 136).

Com a reformulação dos cursos de licenciaturas o Ministério da Educação e Cultura (MEC) no ano de 2002 ampliou a modalidade educacional que passou a incluir a modalidade interdisciplinar, através dos temas transversais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, na qual visava a melhoria do ensino e aprendizagem dos estudantes. Os futuros e atuais docentes precisam ter habilidades e conhecimentos para trabalhar a interdisciplinaridade. Superando o ensino fragmentado, considerado um desafio em sala de aula pelos profissionais da educação.

O MEC, apenas implantou a interdisciplinaridade, mas sequer se programou para a qualificação dos profissionais. Os cursos de licenciaturas por sua vez abordam apenas o discurso teórico sobre a interdisciplinaridade sendo que a prática que irá fazer a diferença na hora da elaboração do trabalho interdisciplinar, mas acaba não acontecendo a elaboração do desenvolvimento do projeto.

O trabalho interdisciplinar não é uma tarefa fácil de executar, existe obstáculos que envolve a formação profissional dos professores, elaboração do plano político pedagógico, recursos, materiais, tempo e infraestrutura escolar, trabalho em equipe, trocas de informações, leituras e diálogos entre as disciplinas.

A interdisciplinaridade é um desafio teórico e prático em sala de aula, muitos professores desconhecem e outros resistem em realiza-la. Por não haver uma cooperação entre professores e escola como todo o trabalho interdisciplinar torna-se comprometido e inviável, acabando por dificultar algumas áreas específicas, principalmente as áreas das exatas.

Para aqueles que antecipadamente veem a questão interdisciplinar como um modismo em educação, esclarece-se que o risco existe. Ele, no entanto, é resultado justamente da atitude distanciada da acomodada de profissionais que evitam o trabalho de pôr em prática os novos conceitos e ideias que aprendem, enriquecendo apenas seu vocabulário e discurso, e empobrecendo sua vivência. Superar essa atitude é desafio para todos nós (LÜCK, 2013, p.11-10).

Além desses desafios encontrados no ambiente escolar, ainda tem a questão do tempo e espaço para realização e efetivação da interdisciplinar. Para que esses desafios sejam superados, é necessário que se realizem um bom planejamento escolar, que a equipe pedagógica, professores e alunos tenham uma interação ampla sobre a interdisciplinaridade, sendo ela uma ferramenta importante no desenvolvimento educacional, resgatando a interação dos profissionais da educação e estudantes para um conhecimento mais amplo e eficaz.

Dessa forma, a interdisciplinaridade surgiu com uma inovação educacional, que vai facilitar a comunicação entre as disciplinas. E isto se reflete tanto nos alunos como nos professores.

Tendo em vista que a construção da interdisciplinaridade, para nortear a superação das fragmentações, ele precisa que todos os envolvidos colaborem e tenham a compreensão que o trabalho terá resultados satisfatórios, mas partindo da contribuição dos educadores, organizem

o projeto político-pedagógico escolar, e possam desenvolver sua caminhada interdisciplinar (LÜCK, 2013, p. 14-15).

A estratégia interdisciplinar parte de uma comprometida organização que busque a autonomia do discente, onde as tarefas curriculares precisa ser amparado pelo aparelhamento escolar, para que o trabalho didático-pedagógico do ensino consiga fazer a articulação com as disciplinas do currículo educacional.

A interdisciplinaridade não abre a mente somente do aluno, mas também do professor, o faz pensar mais sobre a sua profissão e o que ministra a importância e a ligação com outras áreas do conhecimento.

Fazenda (2002) descreve a interdisciplinaridade como uma questão de atitude frente à educação, que necessita das disciplinas sim, não é alguma coisa que rompe com barreiras dos conteúdos, mas incorpora todas as disciplinas no sentido de dar uma legitimidade e um sentido para cada uma das disciplinas e para a vida dos educandos.

O trabalho interdisciplinar só poderá ser possível se existir uma compreensão e elaboração do Projeto Político Pedagógico, que vai definir o papel de cada indivíduo e a participação entre gestores, discentes, educadores, pais ou responsável e comunidade em geral no espaço escolar, compreender o papel de cada um, e que os mesmos possam dialogar, isso requer a humildade, respeito, compreensão e o entendimento de todos os envolvidos para que se possa alcançar uma aprendizagem significativa.

3. Possibilidade da interdisciplinaridade no ensino da Filosofia

A Filosofia é uma área do conhecimento que dialoga com os saberes, faz conexão, construção, reflexão, ideias que partem da capacidade racional, que perpassa o conhecimento de forma geral, seja ele formal ou científico. Mas a divisão das Ciências⁶ no século XVII, não tornou possíveis as trocas de ideias e informações que contribuíssem para um saber mais satisfatório. A partir de então, o conhecimento tem a compartimentação, não havendo reciprocidade entre as Ciências, elas não contribuía ou

⁶ Na Idade Moderna, com a chamada revolução científica do século XVII, teve início a separação e a distinção entre a Filosofia e a Ciência, com o conseqüente desdobramento da última, nos séculos posteriores, em Ciências Exatas, Naturais e Humanas ou Sociais, ou melhor, em diferentes maneiras de realização do ideal de cientificidade. É comum dizer-se que a Ciência, como um modo de conhecer o real, distinto daquele da Filosofia, só teve o seu advento no século XVII, com os trabalhos de Galileu e Descartes, visando estabelecer método, conceitos e objetos de estudo, a partir da experimentação e do modelo da linguagem matemática (J. M. André. **Natureza e espírito**. 1993).

auxiliavam umas às outras, pois cada Ciência detinha seu próprio objeto de estudo, não ocorrendo troca de informações.

Nos anos 90, o sistema educacional brasileiro passar por reformas, com o intuito de ampliar e reorganizar o currículo do Ensino Médio e fazer com que as disciplinas pudessem interagir umas com as outras, inserindo a interdisciplinaridade, possibilitando o diálogo da escola como um todo, rompendo com o ensino tradicional que isolava as disciplinas e empobrecia o ensino e aprendizagem dos estudantes.

Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender (BRASIL, p. 4, 2000).

O ensino de Filosofia tem a capacidade de conectar com as outras áreas do saber. Ela faz um percurso harmônico entre as disciplinas do currículo educacional, partido de uma reflexão, indagação e diálogo. Desse modo, a Filosofia desenvolve a método interdisciplinar com facilidade e contribui para o ensino mais dinâmico em sala de aula.

A noção interdisciplinar surgiu para proporcionar esse trânsito entre os vários compartimentos do saber contemporâneo, possibilitando um conhecimento mais abrangente e interativo. A perspectiva da interdisciplinaridade e fazer o cruzamento de informações semelhantes do conhecimento (GALLO, 2016, 31).

Para Schulz (2012), a Filosofia está incluída na área das Ciências Humanas e suas Tecnologias, e por se tratar de uma disciplina que possui um leque amplo de conhecimento, ela interage com outras áreas do saber. Assim, a Filosofia na interdisciplinaridade realiza o trabalho de interação e diálogo com várias disciplinas.

Pensar em interdisciplinaridade implica distinguir a docência da pesquisa, o uni e multidisciplinar do inter e transdisciplinar e acima de tudo respeitar a especificidade das Ciências e garantir um curriculum e uma estrutura adequada. Esta é a análise a que nos propomos como forma de mostrar o caminho da interdisciplinaridade pela Filosofia, Epistemologia, como critério do diálogo das Ciências. (CAMPESTRINI; VANDRCSEN; PAULÍNO; 2000, p. 148).

Conforme Luft⁷ (2015), o sistema educacional, principalmente na modalidade interdisciplinar, possibilita na Filosofia o renascimento e seu retorno como fonte principal das Ciências, pois ela amplia o conhecimento interagindo com todas as áreas do saber, percorrendo todas as disciplinas, contribuindo assim para um ensino mais relevante.

Segundo Gontijo (2013, p.50), “nisso se busca uma interdisciplinaridade e uma contextualização dos conhecimentos filosóficos; os conteúdos são codificados numa gramática pedagógica que facilita o acesso dos estudantes à tradição filosófica e ao filosofar”. A Filosofia contribui para a realização e efetivação da interdisciplinaridade, pois ela trabalha de modo mútuo e didático. Dessa forma, seu ensino tem a capacidade de realizar o diálogo com outras áreas do ensino, sendo ela uma peça principal para o trabalho disciplinar.

A Filosofia possui integração e interação dos diversos conhecimentos educacionais, destacando os elementos temáticos que lhes são comuns. Ela se classifica como intermediária, é a partir dela que se pode ter um embasamento racional acerca dos assuntos e relação com as demais áreas do saber, esta fará uma ligação para um conhecimento plausível e verdadeiro.

À vista disso, a política educacional brasileira, não só concretizou a reintrodução da Filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio, mas ainda destacou as potencialidades metadisciplinares desse saber no âmbito escolar. Desse modo, destacado o caráter interdisciplinar do ensino de Filosofia e a necessidade de contextualizar os problemas nele abordados. Nessa perspectiva, ressalta a pertinência de construir um ensino de Filosofia que seja “o espaço por excelência para tematizar e explicitar os conceitos que permeiam todas as outras disciplinas, buscando suas raízes ou fundamentos e pressupostos” e elaborando “uma visão globalizante, interdisciplinar e mesmo transdisciplinar (metadisciplinar)” da realidade (SILVA, 2017, p. 399).

De acordo com Lima (2017, p.128), “[...] a ideia de interdisciplinaridade já está presente na educação grega dos sofistas com sua noção de *enkuklios paideia*, isto é, um ensino circular que deve levar o estudante a um exame geral de todas as disciplinas constitutivas da ordem intelectual [...]”. Por se tratar de um saber plural e aberto ao diálogo, a Filosofia possui traços semelhantes com o trabalho interdisciplinar.

A Filosofia é o conhecimento que possui familiarização com outras do saber, é considerada como instrumento fundamental na realização da interdisciplinaridade, pois

⁷ Luft, Eduardo. Palestra: **A via ascendente: Filosofia e Interdisciplinaridade**. PUCRS, em 27 out 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rIpdjSrJO84>>. Acesso em: abr. 2018.

ela possui uma interação com as outras disciplinas. “O perfil da Filosofia, cuja tradução estava expressa na fórmula ‘Rainha das Ciências’ por não se prender ao único saber específico” (LIMA, 2017, p. 126), ou seja, a Filosofia não é um conhecimento fechado, ao contrário, ela interage com facilidade, seja na busca ou troca de informações.

Tanto em função dos aspectos intrínsecos à Filosofia, quantos pelos demais referentes à realidade dos estudantes de ensino médio, a transposição didática torna-se importante no trabalho com adolescentes e jovens. Ao buscar a interdisciplinaridade da Filosofia com outras áreas e conhecimentos e contextualizar esses conhecimentos a partir das questões próprias dos tempos vividos pelos estudantes, a Filosofia pode deixar de parecer algo distante do cotidiano (GONTIJO, 2014, p. 50).

O ensino de Filosofia ligada à interdisciplinaridade é uma ferramenta que auxilia na aprendizagem mais significativa dos discentes, ela facilita a compreensão dos conteúdos que são ministrados de maneira diferenciada, ou seja, em uma aula pode se resgatar outros assuntos referentes à outra disciplina. A Filosofia trabalhada de maneira interdisciplinar favorece a integração e aprendizagem dos estudantes oferecendo a eles um ensino que resgatar outras informações já repassadas.

Pensar em interdisciplinaridade implica distinguir a docência da pesquisa, o uni e multidisciplinar do inter e transdisciplinar e acima de tudo respeitar a especificidade das Ciências e garantir um currículo e uma estrutura adequada. Esta é a análise a que nos propomos como forma de mostrar o caminho da interdisciplinaridade pela Filosofia, Epistemologia, como critério do diálogo das Ciências. (CAMPESTRINI; VANDRCSEN; PAULÍNO; 2000 p. 148).

Conforme Campestrini; Vandrcsen; Paulíno (2000), “[...] Capacidade e disposição ao diálogo e à investigação para descobrir as relações existentes nas coisas e no conhecimento”. A aula de Filosofia dentro da modalidade interdisciplinar torna a atividade mais gratificante e motivadora, conseguindo um maior relacionamento, subsidiando o adolescente a compreender o sentido de sua existência no âmbito da existência humana em geral, compreensão essa que é considerada o objetivo intrínseco da formação filosófica.

A estratégia interdisciplinar parte de uma comprometida organização buscando a autonomia do educando, onde o conjunto de tarefas curriculares precisa ser amparado pelo aparelhamento escolar, para que o trabalho didático-pedagógico da Filosofia no ensino médio consiga fazer a articulação com as demais disciplinas do currículo

educacional. Pois a “interdisciplinaridade pode acontecer entre Ciências de competências diferentes” (CAMPESTRINI; VANDRCSEN; PAULÍNO, 2000).

A Filosofia é, fundamentalmente, a atitude e a reflexão sobre a realidade. Como atitude a sua principal característica é o perguntar sobre as coisas, Platão e Aristóteles consideravam que a atitude de filosofar inicia da admiração, na perplexidade, isto é, quando o homem toma distância das coisas e, de repente, começa a olhá-la diferente da forma que até então costumava ver (CAMPESTRINI; VANDRCSEN; PAULÍNO, 2000, p.157).

Segundo Campestrini; Vandrcsen; Paulíno (2000), “enfatizar a importância de o diálogo no fazer pedagógico e o caráter dialógico da Filosofia nos sugere também a necessidade de uma reflexão sobre a sua configuração interdisciplinar entendendo a interdisciplinaridade como [...]”, ligando as disciplinas entre sujeito e objeto, para que haja as múltiplas relações com o homem e o mundo em lócus no processo de produção do conhecimento.

[...] há uma série de relações, ideias e concepções conexas que uma separação dos saberes não atingir, considerando que essas áreas permaneçam fechadas em si mesmas. Se nem sempre é visível a necessidade de transitar nessa zona de fronteira onde é gerado aquilo que as disciplinas recortam dessa dimensão ampla e complexa. Romper com essa limitação deve ser sempre a preocupação de todo aquele que esteja interessado em pensar de forma interdisciplinar, e a Filosofia, desde sempre ocupou aí um lugar de destaque, ela dialogar com todas as formas de saber (LIMA, 2016, p.135).

Pode-se observar que a Filosofia interage de forma dinâmica com as demais Ciências. Ela colabora para interdisciplinaridade por ser considerada um saber que dialoga, levanta questionamentos, abre caminhos, ser uma mediadora das áreas do conhecimento por contribuir e melhorar de forma educacional o desenvolvimento racional dos educandos. Dessa forma, a interdisciplinaridade e a Filosofia buscam no educando um ensino que esteja mais ligado com a sua realidade e vivência.

A Filosofia considerada como uma grande área do conhecimento é comparada com “[...] o tronco da ‘árvore do saber’ seria a própria Filosofia, que originariamente reunia em seu seio a totalidade do conhecimento que desenvolver galhos com as mais diversas Ciências” (GALLO, s/d). Ao fazer a comparação da árvore do saber como conhecimento interdisciplinar é possível analisar que a Filosofia funciona como fio condutor na qual ela faz interlocuções com outras disciplinas.

Para Luft (2015)⁸, a Filosofia é uma via de conhecimento que se encontra ligada com os saberes diferentes, mesmo aqueles que estão nas áreas de Ciências opostas a Filosofia. Ela faz parte de uma formação intelectual que consegue interagir de forma conjunta, completa do ensino como todo, as disciplinas educacionais permanecem a unidades independentes uma da outra e desconhecem que há uma interação interdisciplinar entre elas.

A Filosofia em suas raízes tem vocação interdisciplinar e a reflexão epistemológica contemporânea, desenvolvida, ela quebra as fronteiras do ensino tradicionais e com isso ela nasce de forma transcendental nas diversas áreas e superando, os problemas e assim contribui para a integração do conhecimento entre os diferentes saberes. Portanto, há espaço de ampliação para a atuação da Filosofia em programas interdisciplinares do ponto de vista da contribuição temática que esta pode trazer para a interdisciplinaridade em várias áreas (DANNER, 2013, 75)

Segundo Luft (2015), [...] a interdisciplinaridade é na verdade a própria Filosofia, a Filosofia é interdisciplinaridade, a Ciência encontra-se conectadas umas às outras [...] (informação verbal)⁹, sendo ela um saber que possui um trabalho que amplia todas as áreas do conhecimento. Dessa maneira a explanação do ensino de Filosofia torna-se uma peça central, capaz de dialogar, fazer trocas; cooperação que busca a comunicação ampla do saber e desenvolve o exercício da interdisciplinaridade em sala de aula, respeitando a individualidade de cada conhecimento, disciplina ou Ciência.

Para que a Filosofia realize de forma eficaz o método da interdisciplinaridade é preciso que ocorra um trabalho conjunto entre as disciplinas e os professores, pois as disciplinas precisam dialogar sobre uma estratégia que os educandos entendam sobre o que está sendo repassado e participem de forma ativa das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Filosofia, apesar de todos os entraves desde sua chegada na educação brasileira, a mesma já trazia uma gama de história, conhecimento e capacidade de proporcionar quem a busca a melhor experiência e aprofundamento intelectual e

⁸ Luft, Eduardo. Palestra: **A via ascendente:** Filosofia e Interdisciplinaridade. PUCRS, em 27 out 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rIpdjSrJO84>>. Acesso em: abr. 2018

⁹ Ibid.

conhecimento de si mesmo. Sendo dotada de todas essas qualidades, a mesma é a base perfeita para a interdisciplinaridade.

Diante disso, a estratégia interdisciplinar parte de uma comprometida organização que busque a autonomia do educando, onde o conjunto de tarefas curriculares precisam ser amparadas pelo aparelhamento escolar, superar os distanciamentos das disciplinas, para superar esse problema na sua inserção na sala de aula, necessita de um trabalho em conjunto, escola, coordenação, professor, para que haja uma relação harmoniosa entre as disciplinas.

A escola desempenha um papel primordial para que a interdisciplinaridade possa adentrar realmente na sala de aula, dispondo para os professores e alunos, materiais, espaço e caminhos para que o aprendizado se dê da melhor forma possível. Dessa forma, os mais envolvidos, que são os professores, devem organizar seus conteúdos, que tenham a oportunidade de dialogar sobre o que irão trabalhar com os alunos, estes profissionais devem deixar de lado o comodismo, preconceitos para enfim partir para a elaboração do projeto interdisciplinar que possa ser usado em sala de aula, todos os dias, mas de que forma se pode interligar essas áreas do conhecimento?

Nesse sentido, o ensino de Filosofia é capaz de realizar diálogo entre as diversas disciplinas, garantido a prática interdisciplinar, que pode proporcionar um ensino mais significativo, a fim de superar a fragmentação curricular do ensino. É respeitando a particularidades de cada saber. Diante disso, o ensino de Filosofia no caráter interdisciplinar contribui para uma aprendizagem mais relevante, possibilitando o conhecimento mais amplo no contexto educacional dos educandos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> Acesso em 13 de mar. 2018.

_____. **Lei Diretrizes e Bases para Educação Nacional nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 13 de mar. 2018.

_____. **Lei nº11.684/2008**, de 2 de Junho de 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1> Acesso em 26 de jun. 2018.

_____. Ministério da Educação (MEC). **Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio.** Parte IV – Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio 2000.** Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> Acesso em: 13 mar. 2018.

_____. **Plano Nacional de Educação.** Câmara dos Deputados: Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10172.htm> Acesso em: 13 de mar. 2018.

BONATTO, A.; BARROS, C. R.; GEMELI, R. A.; LOPES, T. B; FRISON, M. D. **Interdisciplinaridade no ambiente escolar.** In: Seminário de pesquisa em Educação, nº 9, 2012. Caxias do Sul/RS. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/2414/501>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CERQUEIRA, L.A. **A ideia de Filosofia no Brasil.** Revista filosófica de Coimbra, nº. 39. 2011. p. 163-192. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_de_filosofia_no_brasil>. Acesso em: 13 de mar. 2018.

DANNER, L. F (Org.). **Ensino de filosofia e interdisciplinaridade.** Porto Alegre: Editora Fi, , 2013. ISBN - 978-85-66923-13.

FAZENDA, I. C. A (org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade.** 2. ed. São Paulo: Cortez editora, 2002.

_____. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez editora, 2008.

GALLO, Sílvio. **Transversalidade.** [Rio de Janeiro]: [s.n], [21--?]. Disponível em <www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-4SF/Akiko_13-Transversalidade.doc>. Acesso em: 05 mai. 2018

_____. **A Filosofia e seu ensino: conceito Transversalidade.** Rio de Janeiro: Ethia, v.2, n.1, 2006. p.17-35.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Filosofia e História da Educação Brasileira: da colônia ao governo Lula.** 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

GONTIJO, P. *Didática para além da didática.* In: **Ensinar Filosofia.** CARVELHO, M; CORNELLI, G. 2 v. Cuiabá: Central de texto, 2013. p.49-59.

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.** Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976.

KANT. **Crítica da Razão Pura.** Tradução: Lucimar A. Coghi Anselmi e Fulvio Lubisco. São Paulo: Martin, 2009. (Coleção a obra-prima de cada autor).

KLEIN, J. T. *Ensino interdisciplinar: Didática e teoria.* In: **Didática e Interdisciplinaridade.** Ivani C. A. Fazendo (org.). Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 110-132. (Coleção Práxis).

LIMA, A. L. S da; AZEVEDO, C. B de. **A interdisciplinaridade no Brasil e o ensino de História: Um diálogo possível.** Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 2, nº 3, 2013. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoe linguagens/article/viewFile/644/380>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

LIMA, M. J. S. **Filosofia e Interdisciplinaridade.** Pro. posição, v. 28, jan/abr. 2017, (p.125-140). Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pp/v28n1/1980-6248-pp-28-01-00125.pdf>. Acesso em: 20 abril. 2018.

LUFT, E. *A via ascendente: Filosofia e Interdisciplinaridade.* In: **Fórum Interdisciplinaridade**, PUCRS, 2015, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rIpdjSrJO84>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos.** 18. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MAZAI, N; RIBAS, M. A. C. **Trajetória do ensino de Filosofia no Brasil.** Santa Maria-SC, **Série: Ciências Sociais e Humanas**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2001. Disponível em: <sites.unifra.br/Portals/36/CHUMANAS/2001/trajetoria.pdf>. Acesso em: fev. 2018.

PAIM, A. **Etapas iniciais da Filosofia no Brasil.** Londrina: Editora UEL, 1998.

RODRÍGUEZ. R. V. **Panorama Histórico e Bibliográfico da Filosofia no Brasil.** Disponível em: <www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/PHBFB.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

RODRIGUES, Z. A. L. **O ensino de Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas.** Curitiba, PR: Editora UFPR, Educar em Revista, nº 26, p. 693-82, 2012. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a06.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SANTOS, T. F. **Panorama Histórico da Filosofia no Brasil: da chegada dos Jesuítas ao lugar da filosofia na atualidade.** Seara filosófica nº 12, inverno, 2016, p. 126-140. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/searafilosofica/article/view/7749>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SCHULZ. A. **Filosofia e interdisciplinaridade no ensino médio.** Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/viewFile/33919/17946>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SILVA, G. M da. **O ensino de filosofia nas perspectivas inter e transdisciplinar: a problemática do conhecimento.** Griot : Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia, v.16, n.2, p.398-422, dezembro/2017. Disponível em: <<https://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol16-n2/26.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.